

## Formas e tempos da cidade

### Comentários

Em História da Cidade, Leonardo Benevolo afirma que a cidade não existiu sempre, mas teve início num dado momento da evolução social, não por uma necessidade natural, mas sim histórica. Com a revolução urbana as aldeias agrícolas auto-suficientes transformaram-se em centros urbanos. Assim, a cidade nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu.

Tão importante quanto explicar a origem da cidade é analisar a sua transformação no decorrer dos tempos, o que está intrinsecamente ligado às grandes mudanças da organização produtiva, que não só alteraram a vida cotidiana dos homens, mas produziram saltos no desenvolvimento demográfico. O rápido crescimento das invenções na era moderna passou a exigir novos sistemas de construção, fazendo surgir um novo modelo de cidade, alternativo ao tradicional. Da década de 1930 em diante, os planos arquitetônicos começam a distinguir zonas residenciais, industriais, de serviços, dentre outras. As transformações em um mundo profundamente dinâmico não param por aí, mas este é um marco para o estudo de Goiânia, como uma cidade planejada no interior de Goiás.

A obra Formas e tempos da cidade, privilegiando uma abordagem interdisciplinar sobre a cidade de Goiânia, não se inicia com sua construção, na década de 1930, mas com um estudo de Arqueologia que informa sobre os habitantes pré-históricos do espaço hoje ocupado pela cidade. Alguns aspectos naturais da paisagem e sua transformação pelo impacto da ação humana também são considerados no início do livro.

Surgida da utopia de seu idealizador, Pedro Ludovico Teixeira, em um momento de grandes transformações no mundo, no Brasil e em Goiás – a década de 1930 – Goiânia foi projetada por Atílio Corrêa Lima e Armando Augusto de Godoy e materializada por Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno e muitos outros construtores anônimos. Nascia uma cidade nos chapadões de Goiás, embalada pelos sonhos de muitos que para ela vieram em busca de novas oportunidades e de outros que se deslocaram para as tarefas do poder nela instalado. Suas feições foram ganhando formas nas edificações que surgiam na Praça Cívica, nas ruas 20 e 24, nas avenidas Goiás e Anhangüera e em muitos outros espaços, onde se mesclavam estilos e formas arquitetônicas: o neocolonial, o normando, o eclético, o art-déco, cuja monumentalidade está registrada em muitas construções, e o estilo moderno, mais próximo da identidade brasileira.

Ao percorrer os caminhos da memória e ouvir a polifonia das vozes de pioneiros, é possível identificar o contraponto entre a cidade sonhada e a cidade real, entre o discurso oficial e as falas dos trabalhadores. Na composição do passado, evocado pelos depoimentos, resgatam-se a solidariedade dos primeiros tempos da cidade, as várias modalidades de trabalho, as formas de lazer, os ambientes de estudo e formação escolar. O estudo sobre os “mapas de memórias” evidencia a percepção e interpretação de pioneiros sobre as imagens da cidade. Planejada por plantas e projetos arquitetônicos, a essa “Goiânia de ontem” se contrapõe a “Goiânia de hoje”, revelada pela visão das crianças, cuja percepção muitas vezes escapa ao olhar dos adultos ou é por eles ignorada.

Finalizando a obra, discute-se a perspectiva patrimonial da cidade, já que seu acervo art-déco foi incluído, em 2001, no seletivo círculo de bens patrimoniais tombados pela União.

Certos da importância de registrar os relatos, as percepções e os questionamentos de muitos pioneiros que viveram os primeiros tempos da cidade, grande ênfase foi dada, na maioria dos capítulos, aos depoimentos orais. Conforme afirma Ecléa Bosi, “quando as vozes das

testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente...”

Esperamos que este livro, que oferece uma multiplicidade de olhares sobre Goiânia, sirva também para garantir a permanência de muitas dessas vozes, testemunhas de um tempo e de uma história que buscamos registrar.

--

São doze capítulos que restituem os rastros da memória intrageracional de uma cidade em seus estilos, seus atos, seus personagens, seus testemunhos, suas trajetórias, seus conflitos, sua arte, seus mapas, enfim, suas lembranças e seus conceitos sobre o seu passado e o seu presente, argumentando um trajeto humano e consolidando uma imagem e uma memória de si mesmos.

O idealizador do livro, Manuel Ferreira Lima Filho, e Laís Aparecida Machado, co-autora na sua organização, têm o mérito de reunir neste livro as experiências de pesquisa de um projeto coletivo que tem a cidade de Goiânia como tempo-lugar de reflexão sob diferentes pontos de vista e de escuta.

Percorrer os artigos permite reconhecer a experiência da construção e consolidação de uma cidade brasileira sob o paradigma do Estado-Nação. A partir de suas especialidades os autores desvendam a fusão de intenções e os sentidos intrínsecos aos avatares da modernidade no projeto de construção da cidade. Configurando essas experiências em Goiânia, os escritos e as imagens que o leitor vai encontrar neste livro decifram tanto os discursos que evocam o esmero formal de uma cidade projetada quanto a arte de viver dos seus habitantes. O estilo interdisciplinar é concebido na forma como podemos compartilhar estes saberes religados em suporte escrito e visual como reverberações diversas do viver na cidade em ritmos temporais diferentes.

As camadas telúricas vão abrigando as primeiras pedras arquitetônicas na arte de inventar a cidade, como nos primeiros artigos sobre o patrimônio natural e o arqueológico. Os primeiros capítulos nos permitem tomar consciência da força com que o processo da modernidade formaliza a emergência de um centro cosmopolita, tratado nas demais partes do livro, sobretudo, com o advento da influência art déco na construção do patrimônio arquitetônico. A cidade que se consolida é habitada pelas imagens e representações relacionadas ao universo do maquinismo moderno sedimentado nas obras arquitetônicas signo das diferenças sociais, na segmentação das funções institucionais e na heterogeneização das habitações cotidianas como formas pedagógicas de tempos múltiplos, de trajetórias plurais, de experiências diversas, amalgamando a história de Goiânia ao tempo do mundo.

Na perspectiva processual da história, a cidade construída, em seus 74 anos, se contempla jovem no percurso da humanidade. Essa curta experiência é aqui interrogada em sua duração pelos autores, que ultrapassam a visão do tempo como seqüência linear. Cada um partindo de um lugar específico da análise científica (arqueologia, geografia, história, antropologia) provam o antagonismo dos ritmos temporais nas rupturas advindas com o processo civilizatório que configura Goiânia. Todos os artigos têm esta sensibilidade em comum: o recorte da memória na sua relação com o esquecimento. Assim, não é o ponto de vista cronológico dos acontecimentos que encontrará o leitor, mas os acontecimentos que situam a história de Goiânia mergulhada numa constelação de sentidos.

Torna-se presente, por exemplo, a memória tensionada pelo esquecimento, que vive a cidade vizinha e antiga capital colonial. A Cidade de Goiás, vítima de sua fragilidade urbana para aderir à volúpia do planejamento, ao desejo de domesticar o sertão, é eleita como guardiã de um espírito de pioneirismo, de desbravura e de salvaguarda de um território mito.

Em contraste, a capital Goiânia engole o tempo em sua retórica contemporânea. Como um sistema de comunicação, suas convenções são identificáveis pela pretendida universalidade das formas políticas desenvolvimentistas e progressistas definidas no período do Estado que se queria Novo.

Agora como autor de um dos capítulos, Manuel Ferreira Lima Filho associa a emergência de uma cidade modelada por um novo discurso cívico da conquista do sertão à criação de persona política: Goiânia é fundada sob os auspícios de uma lógica política que queria, na superação do tradicional, consolidar convenções de arquitetura mais modernas como uma eficácia simbólica da conquista do Centro-Oeste brasileiro.

A palavra dos habitantes mais antigos é provocada pelos pesquisadores do projeto, que percorrem ruas e bairros, mergulham em bibliotecas e arquivos históricos para argumentar, com dados cuidadosos, essa reconceitualização e reordenação das idéias sobre a consolidação da cidade de Goiânia.

A voz do pioneiro dessa nova civilização cultivada restitui o espírito da imaginação criadora de um sentimento moderno de habitar o espaço, amalgamando a noção da constituição de uma nova cidadania às novas performances e estilos de vida que contrastam, negam ou afirmam os valores civilizatórios das pretensões culturais e políticas que ameaçam o passado com o esquecimento no presente.

Nessa existência relacional e antagônica, o ambiente que precede a cidade é relegado a uma simples condição de “pano de fundo”. A paisagem natural é ofuscada pelas luzes da cidade que cresce em ritmo acelerado, seguindo as idéias de Pedro Ludovico ou os traços idealizados por Atílio Corrêa Lima, Armando Augusto de Godoy, ou os gestos fundadores de Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno.

Na medida em que a cidade de Goiânia se consolida em sua anatomia urbana, os córregos, os rios e o ambiente contaminado acabam por negar a volúpia da intenção racionalista na matéria construída. Os cientistas trazem à tona o lugar degradado de hoje pela terra removida, pela água negligenciada, pelo ar descuidado. A ilusão de uma eficácia da modernidade é denunciada e os estudos mostram o quanto as excitações do espírito de modernização paradoxalmente fragilizam o abrigo onde a duração seria possível: na permanência da água, da terra e do ar que elogia a vida.

Também a aparente solidez do recém-criado patrimônio da modernidade – os edifícios em art déco –, advinda da tradição reinventada pela reatualização do símbolo, conhece paradoxalmente a tragédia da cultura pela destruição da estética, agora vivendo a lenta agonia de sua transformação por outros atos e gestos civilizatórios: um parque de estacionamento, um condomínio, um supermercado etc. A crença na técnica e no benefício da globalização como linguagem do mundo contemporâneo também em Goiânia encontra sua acomodação. Mas não a esvazia de seus enigmas de habitar o lugar, de acolher suas memórias ou de reconhecer os projetos possíveis nos acontecimentos e experiências urbanas.

É impossível despojar seus habitantes do direito de inventá-la, transformá-la à imagem do tempo sempre em perspectiva, movidos pela paixão de projetar o futuro pela intervenção humana.

O esforço deste livro de colocar a cidade de Goiânia, a vida em Goiânia, os habitantes de Goiânia, em um mundo com perspectivas, compreende o tempo como uma existência ideal para as gerações que virão a habitar esse espaço. Mas estes apreenderão, nesta obra, que também as ações de sua geração são motivadas por uma Goiânia que os precedeu. Reconhecerão que os motes do projeto que resulta neste livro – a memória, a identidade e as referências culturais de seus habitantes – são ordenados em sucessões temporais e espaciais que lhes provocam a pensar a cidade que querem. Se muitas vezes esta liberdade os embebeda, numa vertiginosa prepotência, terão sempre a orientação dos pensamentos que interpretam a sua cidade na dramaticidade do presente.

Por este livro, as idéias sobre o que é a cidade de Goiânia são colocadas em um circuito de diálogos e reflexões. Esta comunicação aponta para uma crítica vigilante que permite aos cidadãos formas possíveis de narrar ao mesmo tempo o conhecimento sobre a trajetória percorrida na configuração da memória coletiva da sociedade em Goiânia (em Goiás) e as alternativas para nela reconhecerem a duração nos movimentos diversos de temporalização da história e da memória da cidade.

--

Este livro é fruto de um projeto de pesquisa da Universidade Católica de Goiás, coordenado por mim e intitulado “Antropologia na cidade: memória, identidade e referências culturais sobre o núcleo pioneiro de Goiânia,” iniciado em 2004. “Antropologia na cidade” ou “Projeto Goiânia”, como foi chamado, constituiu uma experiência de pesquisa que, ao privilegiar um diálogo interdisciplinar, rendeu bons frutos na produção de conhecimento novo sobre a cidade a partir do campo conceitual do patrimônio cultural, memória e antropologia urbana. Essa predisposição ao diálogo possibilitou que professores, pesquisadores, alunos de pós-graduação e da graduação das Universidades Católica e Federal de Goiás tecessem uma rede de dados sobre a memória, a história, a antropologia, a arquitetura, o design, a arqueologia e o meio ambiente, cujos fios teóricos e empíricos foram obtidos do desenovelar dos depoimentos, saberes profundos, da primeira e segunda geração de habitantes de Goiânia.

Apesar de contar com apenas 74 anos, a cidade se revela em toda sua complexidade de expressões, de formas, vivências e concepções de tempos vividos e rememorados pelas muitas vozes, sentimentos e silêncios que registramos. Memórias ancoradas nos espaços das ruas 20, 24, córrego Botafogo e outros lugares do Núcleo Histórico de Goiânia. São esses os primeiros espaços demarcados na nova capital de Goiás, que nasce nos anos 30 do século passado com a missão de ser moderna. Contudo, memórias guardadas nas malas e no inconsciente coletivo de seus primeiros habitantes vulcanizam categorias e visões de um mundo rural, ora bucólico ora inóspito. Aquilo que foi planejado e pensado pelos urbanistas ganha a forma urbana de quem de fato passou a habitar a cidade. Entre a elaboração dos traços das pranchetas, permeada por suas categorias e referências culturais, e a construção social do espaço feita pelos moradores, e permeada pelo passado colonial da antiga capital, a Cidade de Goiás, há uma certa distância.

Goiânia traz em sua gênese essa ambigüidade. E no jogo de poderes simbólicos, as várias narrativas apresentam arranjos de símbolos e signos que oscilam em querer esquecer o passado atrasado e avançar ao encontro da velocidade da modernização. Ou seja, expressam a crença de que dias melhores futuros lançariam o Estado de Goiás no compasso dos ritmos

desenvolvimentistas que se registravam no país e no mundo. Assim, tais idéias estavam visíveis nos outdoors dos primeiros tempos da capital, persuadindo potenciais futuros moradores.

O estilo art déco se encaixa nessa aspiração ideológica de época, para alguns com alguma insinuação totalitária de representar e conduzir a sociedade. Para outros, como ícone de representação identitária da nova capital... Coincidência ou não, o tempo era de Vargas e Pedro Ludovico, interventores lá e cá, sem qualquer mal estar democrático. Goiânia é fruto da intervenção! Pesquisar sobre quais os significados desses atos no desenvolvimento da cidade foi a nossa principal tarefa. Queríamos tentar responder quem Goiânia pensa que é? Qual o alcance do estilo art déco nas formas urbanas e no espiral dos tempos dos primeiros habitantes. Que sertão era esse tão presente no imaginário literário regional e nacional e quem eram os primeiros habitantes de Goiânia? Empoeirados pela terra vermelha do cerrado, acampam nas águas limpas do córrego Botafogo e elegem uma árvore como abrigo nos primeiros dias da capital. Ao longe, emas passeiam nos descampados e sob o céu estrelado das noites goianas aninha-se o sentimento de uma saudade brejeira das ruas da velha capital: a Cidade de Goiás.

O nosso exercício foi o de ouvir aqueles que podemos chamar de pioneiros da cidade que nascia. Aqueles que moraram na Rua 20, que participaram dos primeiros dias dessa grande empreitada urbana. Mergulhamos em arquivos de registros históricos, depoimentos, acervos imagéticos, em Goiânia e no Rio de Janeiro, de modo especial na Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional. Fomos assim mapeando os vários lugares de memória: festas, universidades, saraus, móveis, pianos e música, sertão, fazendas, saudades, esperanças, bicicletas e carros, prédios públicos, grandes ruas, bois, seriemas, casas-padrão, visitas ilustres, personas políticas, aviões, a tareca (apelido dado à jardineira que fazia a ligação entre Campinas e Goiânia), trens, rios, matas e ruas....

Munidos do potencial imagético de fotografias e filmes pudemos ampliar as reflexões sobre os sentidos e significados das falas patrimoniais sobre uma cidade que, com apenas 74 anos, paradoxalmente, tem um conjunto arquitetônico do estilo art déco tombado pelo Iphan e, ao mesmo tempo, assiste, quase com total inércia da maioria da população e dos órgãos responsáveis pelas políticas públicas relativas ao patrimônio cultural da cidade, ao desaparecimento de sobrados e casas-tipo numa velocidade exponencial, sendo substituídos por estacionamentos e farmácias.

Com o cuidado de não defender uma romântica proteção pela proteção do patrimônio edificado de Goiânia, mas ao mesmo tempo sem deixar de levar em consideração a necessidade de valorizar os lugares âncoras de onde brotam as fontes que animam as memórias dos que chegaram primeiro na cidade, apresentamos um quadro, uma representação sobre a cidade feita por várias mãos. Se a cidade é polifônica, como quer Cavenacci, sobre ela também se cruzam vários olhares e lugares de fala. A nossa intenção é contribuir para o debate, reivindicar uma ausculta aos habitantes e defender uma sensata e urgente política pública patrimonial do Município e do Estado, em um processo de plena parceria. Defender ainda necessários ajustes de condutas com o governo federal e com a comunidade. Estabelecer metas, estratégias e indicar parcerias que podem ser articuladas para se estabelecer uma agenda positiva patrimonial para Goiânia. Este livro quer ser esse incentivo inicial. Um ponto de partida ou de retomada.

Portanto, apresentamos neste livro o produto de três anos de dedicados trabalhos: pesquisas, seminários, palestras, entrevistas, análise de acervos fotográficos sobre Goiânia. Mas, sobretudo, queremos evidenciar os sentidos das falas dos nossos entrevistados.

O livro está dividido em temas. O primeiro tema, Cenários e Ocupações, é composto por dois capítulos: um das arqueólogas Mariza Barbosa e Márcia Bezerra, que apresentam os primeiros registros sobre a ocupação pré-colonial e histórica do local onde foi construída a cidade. Em seguida tem-se o capítulo “Patrimônio natural de Goiânia: ontem e hoje”, dos geólogos Julio Cezar Rubin de Rubin e Eric Santos Araújo e da arqueóloga Rosiclér Theodoro da Silva, que descrevem o impacto da ação humana sobre os principais córregos que, desde o início, tiveram destaque nas idéias urbanísticas de Attílio Corrêa Lima quando planejou Goiânia. Dessa maneira, o leitor desde o início do livro tem uma idéia geral do geoambiente e das primeiras ações humanas na área geográfica que mais tarde se transformaria nas fazendas Criméia, Botafogo e Vaca Brava, as quais, unidas ao então município de Campinas, desenhariam o polígono onde seria construída Goiânia.

Em Política, Atos e Personagens, o terceiro tema do livro, aparece o texto de Laís Aparecida Machado, que recebeu o nome de “Uma cidade no sertão”. Nele a autora contextualiza os acontecimentos históricos que antecederam a construção da nova capital do Estado de Goiás, com destaque para a figura política de Pedro Ludovico Teixeira.

Traços, Planos e Estilos Urbanos, outro tema explorado no livro, abriga três capítulos. No primeiro deles, “Primeiros traços e formas urbanas em Goiânia”, de autoria de Ciro Augusto Oliveira e Silva, o leitor conhecerá, em detalhes, o plano urbanístico que Attílio Corrêa Lima e, mais tarde, Armando de Godoy concebem para a cidade. O segundo, de autoria de Christine Ramos Mahler e de Ciro Augusto Oliveira e Silva, “Conceitos, estilos e formas arquitetônicas”, discute os quatro estilos arquitetônicos presentes nas formas urbanas de Goiânia apresentando um rico e expressivo material iconográfico. Por fim, fechando esse tema, Rosane Badan detalha em “Mobiliário e Decoração” as características do mobiliário e da decoração preponderantes nos primeiros anos da capital.

“Caminhos da Memória” é o tema a ser explorado a seguir. Tattiussa Costa Machado abre a temática com o capítulo “Entre a cidade sonhada e a cidade real”, em que analisa as narrativas oficiais sobre a construção da cidade e as falas dos trabalhadores que a construíram. No texto seguinte, intitulado “Pioneiros: compondo o passado”, uma atenção especial é dada às falas de alguns pioneiros que narram experiências vividas no decorrer dos 74 anos de existência da cidade. O estudo foi realizado por Maurides Macedo, Francis Marques Otto de Camargo Santana e Maria Cristina de Freitas Bonetti, que refletem sobre as reminiscências daqueles que testemunharam o desabrochar e também as modificações vividas pela atual metrópole. Fechando esse bloco, Heliane Nunes Prudente escreve “Os imigrantes árabes em Goiânia”, analisando esse grupo, aqui tomado como uma metonímia das comunidades de imigrantes que passaram a compor o cenário multiétnico e social da cidade que surgia.

No bloco temático seguinte, As Imagens de Goiânia, comparecem os capítulos “Goiânia de ontem nos mapas de memórias” e “Com o giz de cera, as crianças”, em que Wilton de Araújo Medeiros e Ronaldo Rosa dos Santos Junior, respectivamente, apresentam os resultados de suas pesquisas, colocando em relevo as representações mentais dos sujeitos produtores de conhecimento que participaram das pesquisas. Wilton centrou sua pesquisa na categoria pioneiro, enquanto Ronaldo optou pelas crianças.

O último tema do livro, Goiânia: uma Cidade Patrimonial, ficou a cargo de Manuel Ferreira Lima Filho, que resgata, em “Trilhas Patrimoniais de Goiânia”, a temática presente no conjunto dos artigos, contrapondo a noção de tombamento a outras representações sociais sobre a cidade, construídas nos três anos de estudos. O resultado de todo esse movimento, delineado e implementado nas várias ações do projeto, foi a produção deste livro, que reúne as reflexões

elaboradas. Esperamos que seu leitor possa desvendar com gosto as trilhas patrimoniais que percorremos para conhecer Goiânia sob outros pontos de vista.